

DÊUTERO-ISAÍAS

e o nascimento do Monoteísmo

Celso Loraschi

Resumo

O grupo profético conhecido como Dêutero-Isaías atuou entre os exilados israelitas na Babilônia, entre os anos 550 a 540 aC. Na medida em que perdura o exílio cresce entre os deportados a tendência generalizada de absorver os costumes e os valores da população nativa. Javé, o Deus de Israel, é confrontado com Marduk, o Deus supremo da Babilônia. As vitórias e derrotas, sucessos e fracassos eram atribuídos à força ou à fraqueza de Deus. Os últimos acontecimentos pareciam apontar para a superioridade de Marduk e do panteão babilônico. A situação social dos exilados é de marginalização e de desprezo; também de desânimo e de frustração. A identidade do povo de Israel está ameaçada. Além disso, o povo judeu encontra-se disperso pelas nações. É urgente resgatar a autoconfiança, defender a identidade do povo eleito e motivar a esperança de um futuro novo. Para isso, Dêutero-Isaías combate os Deuses babilônicos e anuncia exclusivamente Javé como o único e verdadeiro Deus. Nasce, assim, o monoteísmo absoluto.

Palavras-chave: *Exílio babilônico. Dêutero-Isaías. Deuses. Imagens. Conflitos teológicos. Povo eleito. Monoteísmo. Nova criação. Novo Êxodo.*

Abstract

The number of prophets designated by the name of Deutero-Isaiah (Is 40-55) exercised their ministry among the exiled Israelites in Babylon from 550 to 540 B.C. All along the period of the Exile grew more and more the generalized tendency to absorb the customs and mentality of the local population. Thus, Yahweh, the God of Israel, was confronted with Marduk, the supreme god of Babylon. Victories and defeat, success and failure were attributed to the strength or weakness of God. The last events seemed to prove the superiority of Marduk of the Babylonian pantheon. The social situation of the exiles was that of unpopularity and contempt which led to a sense of self-abasement and frustration. The self-esteem of the people

of Israel was in serious danger. Moreover, the Jewish people were dispersed among the nations. There was an urgent need to safeguard the pride in their identity as the Chosen People and a deep-felt motivation for the hope in a new future. For this reason the prophet known as Deutero-Isaiah entered in combat against the Babylonian gods and preached the exclusiveness of Yahweh as the only true God. In this context grew up the absolute monotheism.

Keywords: *Babylonian exile. Deutero-Isaiah. Gods. Images. Theological conflicts. Chosen People. Monotheism. New creation. New Exodus.*

Introdução

O ser humano é buscador insaciável de Deus. Muitos caminhos lhes são apresentados na vida. O ambiente vital em que vive é um ator de primeira grandeza que intervém e condiciona a concepção de Deus. O lugar social em que vive a comunidade, sua situação político-econômica, bem como os interesses de seus membros, constituem-se aspectos fundamentais para as formulações teológicas. Não há uma única teologia, como também não há teologia neutra. Há teologias diversas que emergem de contextos diferentes, como se constata na Bíblia e na Vida. Um dos contextos bíblicos muito importantes situa-se no século VI aC entre os exilados da Babilônia. Pelo menos dois movimentos proféticos deste contexto são conhecidos: Ezequiel e Dêutero-Isaías (Is 40–55). Este, sobretudo, foi fundamental para o estabelecimento do monoteísmo.

Situação de crise

O movimento de Dêutero-Isaías situa-se nos últimos anos do exílio da Babilônia: entre 550 a 540 aC. Provavelmente seus autores sejam “sacerdotes que exerciam funções secundárias no Templo (cf. 2Rs 23,8-9), provavelmente levitas exilados na segunda deportação (587 aC; cf. 2Rs 25,8-12)”¹. Passadas mais de quatro décadas de exílio, pairam dúvidas sobre a possibilidade da volta à pátria. A desesperança está relacionada com a crescente desconfiança no Deus de Israel. Afinal, o poderio da Babilônia sobre os territórios antes dominados pelos assírios, abrangendo a terra de Judá, não se deveu à força triunfante de Marduk, a divindade suprema da Babilônia? Que poder teria Javé ao permitir a invasão destruidora do exército babilônico em Jerusalém, arrasando as maiores instituições que garantiam a identidade do povo da Aliança? Judá deixa de ser um Estado independente e encontra-se à mercê de um império estrangeiro. O templo, o lugar

1. NOVA BÍBLIA PASTORAL. *Introdução ao Segundo Isaías*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 933. As citações bíblicas neste artigo seguem a tradução desta edição da Bíblia.

mais sagrado de Israel, parecia inexpugnável exatamente porque era morada de Javé. Aí reunia-se o povo eleito para prestar-lhe culto, cujos cânticos chamam a atenção até dos babilônios: “Cantem para nós um canto de Sião” (Sl 137,3). No entanto, o templo reduziu-se a destroços sob a força dos opressores estrangeiros. Da cidade santa restou apenas uma triste saudade: “Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, que minha mão direita fique paralisada! Que minha língua se cole ao palato...” (Sl 137,5s).

Estes acontecimentos, somados ao tempo em que o exílio se arrasta, parecem provar a superioridade de Marduk sobre o Deus de Israel. Consequentemente, a tendência é resignar-se a viver em terra estrangeira e acolher o regime imposto pelo império, pois o seu Deus revela-se com supremo poder. Os seus sacerdotes o confirmam; suas pregações exercem forte atrativo sobre o povo, também entre os deportados israelitas. Além de Marduk, os babilônios cultuam diversos outros deuses, acreditados como agentes promotores de vitórias, mantenedores da grandeza do império e protetores do povo nas diversas áreas que caracterizam o seu dia a dia. É um panteão temível a quem o povo deve tributar respeito e devoção.

Pode-se deduzir, então, que os exilados vivem num contexto provocador de uma grande crise de fé e de esperança. Há pessoas que dizem: “Javé desconhece meu caminho e meu Deus ignora a minha causa” (Is 40,27); e também: “Javé me abandonou, o Senhor me esqueceu” (49,14). De fato, ao longo do texto constata-se que os interlocutores caracterizam-se como pessoas cansadas e enfraquecidas (40,29); pobres e indigentes, sedentas e famintas (41,17; 55,1-2); desconsoladas e esquecidas (49,13.15); vivem presas na escuridão (42,7); espoliadas, roubadas e saqueadas (42,22); humilhadas e subjugadas (47,6); insultadas e escarradas (50,6); desprezadas e imersas na dor (53,3), abatidas e abandonadas (54,6)... Numa situação assim, beira-se ao desespero e tende-se a acolher toda oferta promissora de sentido ao peso do cotidiano da vida de um exilado, interferindo nas próprias noções de sua fé.

É certo, porém, que o domínio da Babilônia dá mostras de enfraquecimento. Ciro, rei da Pérsia, avança vitoriosamente. Vislumbra-se a possibilidade de libertação, uma vez que Ciro permite que cada povo viva em sua própria terra e siga sua própria religião. Isto significa que os israelitas deportados poderão ser repatriados. O problema teológico, porém, permanece. A quem atribuir a vitória de Ciro? A Marduk ou a Javé? Num documento conhecido como “Cilindro de Ciro” encontra-se a seguinte afirmação de fé: “Marduk... perscrutou olhando todos os países, buscando um governante reto... e pronunciou o nome de Ciro... A fim de que fosse o governante do mundo inteiro... E fez com que empreendesse o caminho de Babilônia, indo ao seu lado como verdadeiro amigo”².

2. SHÖKEL, L. Alonso; DIAS, J.L. Sicre. *Profetas I: Isaías e Jeremias*. Col. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 271.

Javé: Deus único

Neste contexto se entende o esforço do grupo profético do Dêutero-Isaías para convencer o povo exilado de que é um grande engano subestimar o poder de Javé. Aquele que outrora tirou os escravizados do Egito tem o poder de suscitar também neste momento um novo êxodo. O sinal por excelência que evidencia esta possibilidade é a ascensão do poderio persa. Contrapondo a crença babilônica, o rei Ciro é acolhido como o ungido de Javé, executor de sua vontade (44,24-28). Tudo o que ele realizar, não importa os meios, será interpretado como expressão da onipotência de Javé e não de Marduk.

“Quem suscitou do oriente aquele que a vitória segue a cada passo? Quem lhe entrega as nações e quem lhe põe os reis debaixo dos pés? Quem faz com que para sua espada os outros reis sejam como poeira, e para seu arco como cisco que voa? Ele os persegue e passa adiante tranquilamente, por uma vereda que seus pés mal tocam. Quem fez e executou tudo isso?” (41,2-4).

Nenhuma outra divindade poderá competir com a força de Javé, afirmado como o único e verdadeiro Deus: “Eu sou Javé, esse é meu nome. Não vou dar para outro minha glória, nem vou ceder minha honra para os ídolos... Eu sou o primeiro, eu sou o último. Fora de mim não existe outro Deus...” (42,8; 44,6). Esta fórmula declaratória aparece insistentemente ao longo do texto (cf. 45,5.18.21.22; 46,9...).

Até este momento histórico Israel praticava sua fé em Javé sem descartar a existência de outros deuses e deusas. É o que se denomina de monolatria ou henoteísmo. A partir do Segundo Isaías surge o monoteísmo absoluto, estabelecido oficialmente no pós-exílio, através do qual são excluídas todas as demais manifestações religiosas: Javé é o único Deus, criador de todas as coisas, dono do universo, libertador do povo de Israel, senhor de todos os povos, e não existe nenhum outro. Esta visão é apresentada ao longo do livro através de sete vias argumentativas: a criação, o êxodo, o povo eleito, os exilados como “servo de Javé”, a ascensão do poderio persa, a crítica contra os deuses e a ironia a respeito da fabricação de imagens. Cada uma destas vias é contemplada em vários textos. Neste artigo, como ilustração, comentam-se alguns deles.

1. A criação: quem como Javé?

Diante da lamentação dos exilados expressando desconfiança com relação ao Deus de Israel, levanta-se uma série de interrogações que evocam a sua sabedoria e sua grandeza, especialmente testemunhadas pelas obras da criação.

“Quem mediu toda a água do mar na concha da mão? Quem mediu a palmas o tamanho do céu? Quem mediu numa vasilha o pó da terra? Quem pesou as montanhas na balança e as colinas em seus pratos? Quem dirigiu o espírito de Javé, quem lhe sugeriu seu projeto? A quem pediu conselho para se instruir, para lhe ensinar o caminho do direito, para lhe ensinar a ciência e lhe indicar o caminho da inteligência” (40,12-14)?

A criação tem especial importância para Dêutero-Isaías. Constitui uma das bases de afirmação da superioridade de Javé com relação aos outros deuses: “Vocês, por acaso podem me comparar com alguém que se pareça de verdade comigo? – pergunta o Santo. Ergam os olhos para o alto e observem: quem criou tudo isso...” (40,25-26)?

A Bíblia se formou com grande dose de colaboração das tradições religiosas dos povos vizinhos. As ideias em torno da criação, por exemplo, são desenvolvidas a partir da mitologia mesopotâmica, especialmente do poema babilônico *Enuma Elish*. Em contraposição a Marduk, o senhor do mundo para os babilônicos, atribui-se a Javé todo o poder criador, com total controle sobre todas as suas criaturas. “O Deus de Israel torna-se, no exílio, um Deus universal. Por isso também a criação do mundo lhe é atribuída. Provavelmente não havia, no antigo Israel, nenhum mito da criação do mundo”³.

2. O êxodo: o poder soberano de Javé

Já nos primeiros versículos o profeta anuncia o fim da servidão, consolo e alegria para os exilados. O mesmo tema é retomado na conclusão. É o “novo êxodo” que faz a moldura do livro, revelando a mensagem central. Como outrora no Egito, Javé virá em socorro do seu povo, proporcionando-lhe um novo caminho pelo deserto em vista de sua libertação. A revelação do nome de Javé deu-se no processo do primeiro êxodo; no novo êxodo, Javé será reconhecido para sempre.

“Uma voz grita: ‘Abram no deserto um caminho para Javé. Na região da terra seca, aplainem uma estrada para nosso Deus. Que todo vale seja aterrado, e todo monte e colina sejam nivelados. Que o terreno acidentado se transforme em planície, e as elevações em lugar plano... Vocês sairão com alegria e serão conduzidos em paz... Isso trará renome a Javé, um sinal eterno que nunca se apagará’ (40,3-4; 55,12-13).

A lembrança dos acontecimentos do antigo êxodo reaviva a fé em Deus como criador e rei poderoso. “Eu sou Javé, o santo de vocês, o criador de Israel, o rei de vocês... Aquele que abriu um caminho no mar, uma passagem entre as ondas violentas, aquele que fez sair o carro e o cavalo, o exército e os valentes” (43,15-17; cf. 51,9-10). As ações libertadoras de Javé podem acontecer em qualquer momento histórico. O povo não precisa lamentar-se, olhando para o passado com um saudosismo deprimente. “Não fiquem lembrando o passado, não pensem nas coisas antigas. Vejam que eu estou fazendo uma coisa nova: ela está brotando agora, e vocês não percebem? Abrirei um caminho no deserto, rios em lugar seco” (43,18-19).

3. GERSTENBERGER, Erhard. *Teologia do Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: CEBI, EST e Sinodal, 2007, p. 289.

A criação e o êxodo, portanto, são provas intimamente relacionadas, reveladoras do poder de Javé⁴. Quem é capaz de criar também tem o poder de libertar: “Será que minha mão ficou tão curta que eu não posso libertar? Ou será que não tenho mais força para livrar?” (50,2). Portanto, os exilados não precisam recorrer a outras divindades, pois Javé possui credenciais suficientes para o povo confiar plenamente em sua capacidade de abrir um novo caminho pelo deserto.

“O papel de Javé no passado como Criador é apenas um prólogo para o futuro. Ele trará vida, água e árvores abundantes ao deserto estéril e então será mais uma vez aclamado como Criador (41,20). As obras de Deus na primeira criação e no primeiro êxodo tornar-se-ão quase esquecíveis em face da nova criação que ele realizará agora, com o seu caminho no deserto, rios no deserto e animais transformados em agentes de louvor (43,16-21). A criação de Javé é coisa nova” (48,7)⁵.

3. O povo eleito: os inimigos serão dizimados

Isaías resgata a imagem de Israel como povo escolhido de Javé. Fiel à sua Aliança, Deus jamais o abandonou. Todos os inimigos deste povo serão dizimados, pois combatem contra o único e verdadeiro Deus.

“Eu escolhi você, Jacó, descendente do meu amigo Abraão. Desde os confins do mundo eu tomei você e o chamei dos extremos da terra. Eu lhe disse: ‘Você é meu servo. Eu o escolhi e jamais o rejeitei’. Não tenha medo, pois eu estou com você. Não precisa olhar com desconfiança, pois eu sou o seu Deus. Eu fortaleço você, eu o ajudo e o sustento com minha direita vitoriosa. Ficarão envergonhados e confundidos todos os que se enfurecem contra você. Serão reduzidos a nada e perecerão os que lutam contra você” (41,8-11).

Javé se apresenta como o criador e o defensor de seu povo. Os deportados possuem provas históricas suficientes para confiar plenamente em seu Deus. Sempre protegeu os seus escolhidos, os conduziu, deu-lhes uma identidade e suscitou-lhes descendência. “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu... Eu sou Javé seu Deus, o Santo de Israel, seu Salvador... porque você é precioso aos meus olhos, é digno de estima e eu o amo” (43,1-7).

É na crise do exílio da Babilônia, com a experiência de ser um povo subestimado e desprezado pelos seus dominadores, que se aprofunda a teologia da eleição. “De mãos dadas com a eleição está a convicção da superioridade do próprio Deus, do seu poder e da sua vontade de dominar. Aliás, essa convicção é simultaneamente também o pressuposto das eleições”⁶.

4. Ver GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40–55. In: *Estudos Bíblicos*, n. 89. Petrópolis, Vozes, 2006/1, p. 33-43.

5. KLEIN, R.W. *Israel no Exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 133.

6. GERSTENBERGER, E. Op. cit., p. 271.

4. *O servo de Javé: luz para as nações*

O povo eleito no exílio passa a ser o “servo de Javé”, testemunha do Deus único. Dêutero-Isaías insiste: nunca existiu nem nunca existirá outro Deus além de Javé:

“Minhas testemunhas são vocês – oráculo de Javé. Vocês são meu servo, aquele que eu escolhi, para que vocês fiquem sabendo e acreditem em mim, e compreendam que eu sou: nenhum Deus existiu antes de mim, e depois de mim nenhum outro existirá. Eu, eu sou Javé, e fora de mim não existe salvador... Eu sou e o sou para sempre” (43,8-13).

O “servo de Javé” é exaltado especialmente pelos quatro cânticos do servo (42,1-9; 49,1-9a; 50,4-11; 52,13–53,12). Com este povo-servo, disperso e desprezado entre as nações, Deus renova sua Aliança: “Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações...” (42,6). É exatamente no estado de fraqueza e cansaço que o servo toma consciência do chamado divino desde sua origem, o que o faz reanimar-se para a missão primeira de reunir todo Israel:

“Eu ainda estava no ventre materno, e Javé me chamou. Eu ainda estava nas entranhas de minha mãe e ele fez menção do meu nome... Ele me disse: ‘Você é meu servo, Israel, em quem eu me glorificarei’. Eu então respondi: ‘Cansei-me inutilmente, gastei minhas forças à toa, por vento. Enquanto isso, quem defendida meus direitos era Javé, minha recompensa estava nas mãos de Deus’. Agora fala Javé, que desde o ventre me modelou para ser seu servo, para eu lhe trazer de volta Jacó e reunir Israel para ele. Serei glorificado aos olhos de Javé. Meu Deus é minha força” (49,1-5).

A missão do servo de reunir Israel, portanto, abrange não apenas os exilados, mas todos os judeus da diáspora. Porém, é ainda mais ampla: “Ele diz: ‘É muito pouco você se tornar meu servo, só para reerguer as tribos de Jacó, só para trazer de volta os sobreviventes de Israel. Faço de você uma luz para as nações, para que minha salvação chegue até os confins da terra’” (49,6). A missão do servo, portanto, tem perspectiva universalista. “Eu coloquei sobre ele meu espírito, para que promova o direito entre as nações... Não desanimará nem se abaterá até implantar o direito na terra e a instrução que as ilhas esperam” (42,1).

Esta perspectiva de Israel com relação às nações é contemplada não apenas nos quatro cânticos do servo, mas também no conjunto do livro. Israel é privilegiado, cabendo-lhe um amor de predileção divina. Deus reúne num só rebanho as ovelhas dispersas, defendendo-as e protegendo-as como pastor amoroso: “O Senhor Javé chega com poder, e com seu braço ele detém o governo... Como um pastor, ele cuida do rebanho, e com seu braço o reúne...” (40,10-11). Os demais povos peregrinarão a Jerusalém; submissos, reconhecerão e prestarão culto ao Deus de Israel: “Irão caminhando atrás de você, acorrentados, se ajoelharão a

seus pés e suplicarão, dizendo: ‘Deus está somente com você e não existe nenhum outro, não existem outros deuses’” (45,14).

5. *O poderio persa: braço de Javé*

Através de uma nova série de interrogações, Dêutero-Isaías procura demonstrar a superioridade de Javé que se manifesta na ascensão do poderio persa. O rei Ciro é o novo ungido de Javé (45,1-7), o libertador do povo, suscitado por Deus para ser vitorioso sobre as nações levando a cabo o plano de libertação dos exilados:

“Quem despertou no oriente aquele que a vitória segue a cada passo? Quem lhe entrega as nações e quem lhe põe os reis debaixo dos pés? Quem faz com que para sua espada os outros reis sejam como poeira, e para seu arco como cisco que voa?... Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio chamou as gerações à existência: eu, eu sou Javé, o primeiro, e serei com os últimos...” (41,1-4).

O rei persa, portanto, recebe de Javé (e não de Marduk) a missão de libertar o povo do jugo babilônico e conduzi-lo a uma nova vida. Assim, o exército persa, na medida em que avança em suas conquistas, é revelador da superioridade e do domínio de Javé.

O poder de Javé através dos exércitos inimigos é exaltado em muitos outros textos bíblicos. Desde o início da história de Israel, seu nome está relacionado com a guerra. Também a destruição de Jerusalém pelos babilônicos é atribuída a Javé. No senso comum dos deportados, a catástrofe de Jerusalém se deu devido à fraqueza de Javé comparada com a força de Marduk e do panteão babilônico. Dêutero-Isaías, porém, reflete sob a ótica da justiça divina, isto é, não deve ser atribuída à impotência de Javé e sim ao seu justo castigo pelos pecados do seu povo. “Quem foi que entregou Jacó ao saque e Israel ao despojo? Não foi Javé, contra quem pecamos, não querendo andar em seus caminhos nem seguir sua lei? Então Javé despejou sobre eles todo o ardor de sua ira e o furor da guerra” (42,24-25). Israel não tem argumentos que o justifiquem diante de Deus:

“Desperte minha memória, vamos colocar nosso caso em julgamento. Apresente suas razões, para que você possa se justificar. Seu primeiro pai já pecou. Seus chefes se revoltaram contra mim. Por isso, eu profanei os oficiais do meu santuário. Por isso, eu entreguei Jacó à destruição e Israel à caçada” (43,26-28).

A ira de Javé, porém, é passageira. Seu perdão apaga totalmente o pecado do seu povo, motivo pelo qual deve abandonar os demais deuses e voltar ao Deus de Israel. “Limpei suas transgressões como se fossem névoa, e seus pecados

como se fossem nuvem. Volte para mim, porque eu sou seu protetor” (44,22). Com carinho materno entra em ação para socorrer seus filhos, garantindo-lhe um futuro promissor. “Agora escute, Jacó, meu servo. Preste atenção, Israel meu escolhido... Vou derramar meu espírito sobre seus filhos e minha bênção sobre seus descendentes...” (44,1-4).

Dêutero-Isaías esforça-se para anunciar um futuro promissor para um povo que tem a convicção de estar sofrendo o castigo pelos seus pecados e sem esperança de salvação. “É o mensageiro do novo. É evangelista, no sentido literal do termo. Premissa de suas promessas é o perdão: o exílio é resultado dos desmandos históricos praticados no pré-exílio; aprovou a Javé dar por concluído este castigo. A dor está com os dias contados”⁷.

A bênção divina para o povo de Israel está relacionada com a escolha de Ciro como instrumento de salvação para os exilados e resgatador da honra de Javé. “Estou chamando do oriente uma ave de rapina, de uma terra distante estou convocando o homem que está no meu projeto... Eu faço chegar minha justiça. Ela não está longe. Minha salvação não tardará. Darei a Sião a salvação e a Israel minha honra” (46,11-13).

6. Os Deuses: os seus seguidores são abominados

Deuses e deusas são cultuados na Babilônia, bem como em todas as nações. Também em Israel, em sua história, aparecem os nomes de várias outras divindades, além de Javé. Acontece que “no exílio, os judeus deportados precisam coadunar suas crenças tradicionais de cunho nacionalista com a supremacia da religiosidade babilônica, que tem em Marduk a representação do Deus imperial maior”⁸. Assim, Javé é proclamado exclusivamente como o único e verdadeiro Deus.

Neste esforço, os teólogos autores do Dêutero-Isaías apresentam Javé convocando as nações para provarem a validade de suas reivindicações junto aos seus deuses. Os seus profetas adivinhos que apresentem argumentos comprobatórios do cumprimento dos seus anúncios. Que sejam apresentadas as obras realizadas pelos deuses a fim de que possam ser comparadas com as de Javé:

“Apresentem seus argumentos – diz Javé. Tragam suas razões – diz o Rei de Jacó. Adiantem-se e nos anunciem o que vai acontecer. Contem-nos suas profecias passadas, e nós prestaremos atenção. E nos anunciem o futuro, para que comprovemos sua realização. Contem o que vai acontecer no fu-

7. SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1987, p. 101.

8. REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico.* Goiânia: UCG; São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 109.

turo, e saberemos que vocês são mesmo deuses. Façam alguma coisa boa ou má para que a vejamos e os respeitemos. Vocês não têm existência e seus feitos são de nada. E quem escolhe você é uma abominação” (41,21-24).

O silêncio dos Deuses seria prova de sua inexistência. As nações que os seguem seriam “uma abominação”. Compreende-se aqui como o sistema religioso de pureza que exclui os estrangeiros vai, pouco a pouco, sendo concebido até a sua implementação no pós-exílio: “Tratava-se de afirmar ou reafirmar a exclusividade de Yhwh, seu sacerdócio masculino, sua residência oficial no templo de Jerusalém e a incompatibilidade deste credo com a fé de qualquer outra divindade”⁹.

7. Imagens: são ignorantes os seus devotos

O contexto cultural babilônico em que se encontram os exilados favorece a assimilação de formas representativas de divindades. Muitas delas propiciadas por estátuas eram adquiridas pelas famílias, penduradas em paredes, levadas em viagens ou carregadas por soldados nas batalhas como proteção e garantia de vitória sobre os inimigos. À maneira de outros profetas (cf. Jr 10,1-16; Br 6) Dêutero-Isaías ironiza o processo de fabricação de imagens e sua utilização:

“O escultor faz uma estátua. Vem o ourives e a cobre de ouro e lhe solda correntes de prata. Quem faz uma oferta pobre, escolhe madeira que não apodreça e procura um escultor hábil para fazer uma estátua que não se mova... Cada um anima seu companheiro, dizendo-lhe: ‘Coragem!’ O escultor anima o ourives. Aquele que forja com martelo anima a quem bate na bigorna, falando da solda: ‘Ela está boa’. Depois firma a estátua com pregos, para que não se mova” (40,19-20; 41,6-7).

Os fabricantes de estátuas são considerados “um nada” e produtores de ilusões, enganando os devotos. Com a mesma madeira com que o escultor faz o fogo “para se esquentar e assar o seu pão, também fabrica um deus e diante dele se ajoelha... Esses que carregam suas imagens de madeira são ignorantes: dirigem suas preces a um deus que não pode salvar” (44,9-20; 45,20).

Diante destas manifestações iconoclastas, Javé quebra seu silêncio e age transformando a situação de trevas em luz e guiando os cegos por um caminho que eles não conhecem. Assim, “recuarão cobertos de vergonha aqueles que confiam nos ídolos, que dizem às imagens fundidas: ‘Vocês são os nossos deuses’” (42,17). A ação de Javé caracteriza-se pela exclusividade, descartando a existência de outra divindade capaz de oferecer algum benefício aos seus devotos.

9. *Ibidem*, p. 110.

Considerações finais

Os teólogos do monoteísmo absoluto no contexto do exílio babilônico têm importantes objetivos a alcançar. Na medida em que o tempo passa, cresce entre os exilados israelitas (a maioria corresponde à segunda geração) a tendência generalizada de absorver os costumes e os valores da população nativa. A identidade do povo eleito encontra-se ameaçada. Urge resgatá-la e defendê-la. É necessário, igualmente, manter o povo unido, motivar a autoconfiança e a esperança de um novo futuro. Um dos meios, certamente muito eficaz, é a exigência do culto exclusivo a Javé. Com o exílio da Babilônia “iniciam os tempos em que um judaíta não mais recebe sua identidade do povo, da pátria, da dinastia ou até do lugar onde mora, mas de sua fé em Javé”¹⁰. Assim, o cotidiano da vida de cada israelita é submetido à supervisão deste Deus único e todo-poderoso. Ao resgatar o poder absoluto de Javé, eleva-se ao mesmo tempo o sentimento de superioridade de Israel diante dos demais povos. “A justiça em favor do próprio grupo converte-se em escancarada autojustificação e em desprezo dos outros. Do ponto de vista teológico, obviamente isso não é legítimo nem naquela época nem hoje”¹¹.

Para ressaltar a majestade e a supremacia de Javé, cujo domínio submete todas as nações, usam-se títulos honoríficos e expressões de onipotência, tributados a outros deuses e monarcas da época. Elementos da ideologia imperial são tomados de empréstimo para as formulações teológicas.

“Os enunciados de Israel sobre a grandeza de Deus, na época, tiveram sua origem dentro das condições dos grandes impérios. Justamente a questão teológica do poder divino, que até hoje sempre se inflama devido à injustiça, está em estreita conexão com a estrutura social em que os fiéis se encontram”¹².

Neste sentido, o poder absoluto atribuído a Deus legitima o poder absoluto dos impérios na terra. “O todo-poderoso do céu confirma o autoritarismo e as ditaduras na terra. De modo que símbolos como o da onipotência de Deus serviram para justificar os desejos humanos de poder ilimitado”¹³.

Porém, sabe-se que as formulações teológicas oficiais, assim como as políticas, por mais que se esforcem os seus ideólogos de incuti-las na vida do povo, não conseguem impedir outras expressões vividas pelas pessoas em seu cotidia-

10. GERSTENBERGER, E. Op. cit., p. 263.

11. Ibidem, p. 287.

12. Ibidem, p. 280.

13. CHAMORRO, Graciela. Teologia e representação. In: REIMER, Ivoni R. (org.). *Imaginários da Divindade*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008, p. 77.

no, seja de forma particular, familiar ou comunitária. É o que se constata também em Dêutero-Isaías. As controvérsias ao longo do livro mostram que há visões conflitantes. A maioria dos exilados, na situação de necessidades, busca o sentido do seu dia a dia para além das orientações emanadas das autoridades. Assim, práticas religiosas vividas pelo povo babilônico certamente eram também celebradas por exilados israelitas.

A história de Israel está permeada de diferentes concepções teológicas. O combate entre a fé em Javé e a adoração a outros deuses aparece frequentemente na Bíblia. A maioria dos estudiosos da atualidade, com base não apenas na análise de textos bíblicos, mas também nas descobertas arqueológicas mais recentes, concorda que dentro do povo de Israel, desde sua origem, coexistiram diversas divindades. Da mesma forma, a fabricação e utilização de imagens representativas eram motivos de conflitos, às vezes mais, às vezes menos. O monoteísmo absoluto, no entanto, como já afirmado anteriormente foi estabelecido a partir do exílio da Babilônia.

De acordo com os diferentes contextos sociopolíticos também se formula ou se reformula a teologia. Política e religião se relacionam e se influenciam mutuamente. As concepções teológicas, assim como as políticas, surgem a partir dos interesses dos grupos que as elaboram inseridos numa determinada época. É claro que, em cada momento, aproveitam-se e atualizam-se elementos característicos das épocas anteriores, bem como se adaptam e se apropriam de elementos culturais característicos de outros povos.

“Não podemos abandonar a percepção histórica de que os escritos existentes são fruto de longos processos de crescimento e utilização. E todas as fases, etapas e junções reconhecíveis desse crescimento têm seu significado próprio. Elas são testemunho de uma fé, a cada vez, específica e contextual, nenhum deles alcançando uma configuração definitiva”¹⁴.

Portanto, não há uma palavra única no que diz respeito a Deus que possa ser imposta como padrão para todos os tempos. As noções de fé são fruto de uma sociedade inserida em determinada época e em determinado lugar.

Celso Loraschi
Faculdade Católica de Santa Catarina
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524
88040-001 Florianópolis, SC
E-mail: loraschi@facasc.edu.br

14. *Ibidem*, p. 259.